

Aula 14

A CIDADE HISTÓRICA DE SÃO CRISTÓVÃO: UM EXEMPLO DE CONJUNTO COLONIAL

META

Compreender a cidade sergipana como testemunho material

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar os principais monumentos arquitetônicos que servem de testemunho material da cidade de São Cristóvão; conhecer a diversidade cultural do patrimônio da referida cidade; e distinguir os bens materiais dos imateriais no caso da cultura de São Cristóvão.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo das aulas 11 a 13

Verônica Maria Meneses Nunes
Luís Eduardo Pina Lima

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: depois de conhecer alguns segredos do estilo barroco, o que foi visto na última aula, vamos agora para exemplos claros de patrimônio cultural.

Você sabe onde fica a cidade de São Cristóvão? Conhece algo sobre a sua evolução cultural? Há! Muito bem... Você lembra que ela é uma cidade histórica! Contudo, podemos ainda perguntar: o que é ser considerada uma cidade histórica? Estas e outras questões serão respondidas nesta aula.



Vista panorâmica da cidade de São Cristóvão, Sergipe (Fonte: <http://www.thiagofragata.blogspot.com>).

SÃO CRISTÓVÃO

Localizada a 17 km da capital do Estado de Sergipe, a pequena cidade de São Cristóvão foi o primeiro povoamento urbano da região e é considerada uma das mais antigas povoações da história do Brasil.

Inicialmente, o território de Sergipe foi doado pelo Rei D. João III a Francisco Pereira Coutinho, em 5 de abril de 1540, estando vinculado, originariamente, à Capitania da Bahia, distando 50 léguas da barra do Rio São Francisco até à Bahia de todos os Santos.

Alguns anos depois, em 1548, a família de Pereira Coutinho reconhecia a sua incapacidade de continuar administrando a referida região e devolve as terras de Sergipe ao Rei de Portugal, o que determinou o caráter particular dessa propriedade como terras de El Rei.

Muito bem! Depois desta breve introdução histórica você pode estar se perguntando: e as terras doadas a Pereira Coutinho eram desabitadas? Será que elas já não tinham donos?

É claro que as referidas terras não estavam vazias, elas eram habitadas por tribos de índios ligados à Nação Tupinambá. Diante de tal fato, a região tornou-se pólo de muitos conflitos entre europeus e indígenas. O principal conquistador da região foi Cristóvão de Barros que, em 1º de janeiro de 1590, fundou, nas proximidades da foz do Rio Sergipe, um arraial ao qual deu o nome de São Cristóvão.

Porém, essa não foi a localização definitiva da referida povoação, ela foi mudada muitas vezes e, na atualidade, encontra-se edificada às margens do Rio Paramopama, um dos afluentes do Vaza-Barris.

Mas, qual a causa de tantas mudanças? Tal fato ocorreu devido aos constantes ataques holandeses e franceses, dos quais a região foi vítima entre o final do século XVI e início do XVII.

É claro que você já ouviu falar que a cidade de São Cristóvão foi a primeira capital de Sergipe. Porém, será que você se lembra quando ela foi transferida para Aracaju?

A história é a seguinte: com o passar do tempo, Sergipe vai adquirindo a sua autonomia e, em decreto de 8 de julho de 1820, foi elevado à categoria de Capitania Independente, rompendo, desta forma, os seus laços políticos de dependência com relação à Bahia.



Igreja e Convento de São Francisco em São Cristóvão, Sergipe
(Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>)

Já no Segundo Reinado, pelo Ato Imperial de 07 de novembro de 1853, foi nomeado como governador da província o Dr. Inácio Joaquim Barbosa, cujo ato mais importante foi a transferência da sede do governo da cidade de São Cristóvão para o arraial de Santo Antônio do Aracaju, situado à margem direita do Rio Sergipe, local de posição geográfica privilegiada.

Dessa forma, por meio do Decreto datado de 17 de março de 1855, a capital foi transferida, fazendo com que a velha São Cristóvão perdesse o status de cidade mais importante da província, não abafando, contudo, sua privilegiada herança cultural.

Mas, foi no século XVIII que a cidade de São Cristóvão consolidou o aspecto monumental que conserva até hoje. Pois, com exceção do Convento Franciscano e da Igreja do Rosário, que datam do século XVII, todos os outros são construções do setecentos.

Você sabe quais são as principais edificações que testemunham a riqueza da cultura material da cidade de São Cristóvão? Não?! Pois então vamos conhecê-las agora!

1. Igreja Nossa Senhora da Vitória, hoje matriz da cidade, uma bela construção com características jesuíticas;
2. Santa Casa e Igreja da Misericórdia, antigo hospital da cidade, onde hoje funciona o Orfanato Imaculada Conceição;
3. Igreja Nossa Senhora do Rosário, provavelmente uma das edificações mais antigas da cidade, foi edificada pela Irmandade do Rosário e apresenta fortes características da arquitetura das primeiras capelas construídas pelos jesuítas na época colonial;
4. Igreja e Convento São Francisco, construção da Ordem dos Frades Menores e da Ordem Terceira Franciscana, com traços arquitetônicos claramente barrocos;
5. Igreja e Convento dos Carmelitas, conjunto formado pelo Carmo Grande e o Carmo Pequeno, monumentos também caracterizados pelo forte traço barroco, bem como sendo um dos principais pontos religiosos da cidade, pois abriga a imagem do Senhor dos Passos;
6. Finalmente, temos a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, uma singular construção datada também do século XVIII.

Dentre os principais prédios públicos, destacamos: o antigo Palácio Provincial, atual Museu Histórico de Sergipe e o Prédio da antiga Assembléia Municipal, um dos poucos prédios do Estado em estilo barroco secular.

Como se pode notar, a cidade é detentora de uma inegável riqueza material que testemunha a glória do seu passado colonial. Contudo, a atual noção de patrimônio não só se interessa por prédios e igrejas. É necessário captar a alma da cidade, bem como desvendar a pulsação da cultura imaterial de sua gente.

Você sabia que a cidade de São Cistóvão já foi palco de uma das maiores manifestações culturais deste país? Estamos nos referindo ao seu Festival de

Arte, que foi realizado pela primeira vez em 1972, sob o patrocínio coletivo da Universidade Federal de Sergipe, da antiga FUNARTE, do Governo do Estado e da Prefeitura local.

O referido Festival movimentava a vida cultural de Sergipe e, no auge do seu sucesso, era realizado entre os meses de outubro e novembro de cada ano. Era um grande evento que apresentava diversos espetáculos, exposições, cursos, seminários, manifestações folclóricas, música, teatro, dança, cinema, artes plásticas, artesanato e literatura.

Porém, em termos de cultura imaterial, a grande riqueza da cidade continua a ser suas manifestações religiosas, dentre as quais destacamos a Solenidade dos Passos e a Semana Santa.

A Solenidade dos Passos é celebrada todos os anos no segundo final de semana depois do carnaval e rememora os últimos momentos de Cristo. A concentração popular tem como ponto central de visita a Igreja do Carmo Pequeno, onde muitos fiéis de diferentes partes de Sergipe depositam ex-votos, agradecendo as graças alcançadas.

A celebração envolve diversos atos, dentre os quais destacamos a procissão luminosa, conduzindo a imagem velada do Senhor dos Passos, na noite do Sábado; e a outra procissão no Domingo, onde ocorre a representação do encontro das imagens do Senhor dos Passos (já desvelada) e da Senhora da Soledade. Logo em seguida acontece o emotivo sermão do encontro, seguido do canto de Verônica.

A Semana Santa de São Cristóvão também é celebrada com igual solenidade, porém sem tão grande afluxo de fiéis de outras partes do Estado. Nela, além dos atos litúrgicos próprios do período, ocorrem também outras manifestações relacionadas ao catolicismo popular, como a procissão dos homens, realizada na quinta-feira santa, onde homens encapuzados carregam lanternas e archotes, representando o ato da prisão de Cristo.

Como você pode notar, São Cristóvão não é só uma Cidade Monumento, pois apresenta, para além da sua relevante riqueza material, toda uma vida cotidiana que foge à imobilidade do título, o que lhe possibilita transitar livremente pela dinâmica conceitual da moderna noção de patrimônio cultural.

Contudo, ainda é a riqueza do seu patrimônio material que a faz ser tão importante. Você sabia que, em breve, o conjunto arquitetônico que compõe a Praça São Francisco, formado pela Igreja e Convento Franciscano, pela Capela da Ordem Terceira (hoje Museu de Arte Sacra), a antiga Santa Casa de Misericórdia com sua Igreja, o Palácio Provincial e o casario antigo, sabia que tudo isso poderá ser elevado à categoria de Patrimônio Cultural da Humanidade?

Pois é, caro aluno! O Centro de Patrimônio Mundial (WHC) da UNESCO já aceitou a candidatura. Agora é só ficar na torcida e esperar a decisão.



Agora, leia com bastante atenção este poema escrito no século XVII por Gregório de Matos e em seguida tente responder às perguntas propostas.

Descrição da cidade de Sergipe d'El Rei

Três dúzias de casebres remendados,
Seis becos, de mentrastos entupidos,
Quinze soldados, rotos e despídos,
Doze porcos na praça bem criados.

Dois conventos, seis frades, três letrados,
Um juiz, com bigodes, sem ouvidos.
Três presos de piolhos carcomidos,
Por comer dois murinhos esfaimados.

As damas com sapatos de baeta,
Palmilha de tamanca com frade,
Saia de chita, cinta e raqueta.
O feijão, que só faz ventosidade.
Farinha de pipoca, pão que greta,
De Sergipe d'El Rei esta é a cidade.

Você sabe quem foi Gregório de Matos? Por que ele escrevia de maneira tão irônica? De que cidade ele esta falando neste poema?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Gregório de Matos foi o maior poeta satírico do século XVII. Por causa de seus versos irreverentes e desrespeitosos, onde levantava duras críticas ao povo brasileiro, ao clero e aos administradores da cidade de Salvador, ficou conhecido como Boca do Inferno e Notabilíssimo Canalha, o que lhe valeu a expulsão da referida cidade.

Durante o exílio, Gregório de Matos teve a oportunidade de passar alguns dias detido em São Cristóvão e, tomado de cólera, dentro do seu peculiar estilo, ridicularizou a cidade com estes duros versos satíricos.

Gregório chama a cidade de Sergipe Del Rei porque, durante o século XVII, seu nome foi sucessivamente alterado, tendo sido chamada de São Cristóvão, ou ainda, São Cristóvão de Sergipe Del Rei.

CONCLUSÃO

O conjunto colonial da cidade de São Cristóvão é um dos mais importantes do acervo brasileiro, caracterizando-se como registro memorial do seu povo, orgulho de todos os sergipanos e marco histórico do país. A importância dos monumentos de pedra e cal, aliada à preservação dos bens imateriais, formam o patrimônio desta cidade.



RESUMO

A cidade de São Cristóvão representa um importante testemunho material da herança colonial do povo sergipano. Suas igrejas, conventos e prédios públicos são considerados bens imóveis de singular importância para preservação da cultura do nosso país.

Porém, sua rica história monumental não é o mais importante diante da relevância da sua cultura imaterial, que se manifesta, principalmente, na permanência de uma forte tradição religiosa, profundamente arraigada no gosto do catolicismo popular.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, tomaremos conhecimento dos bens culturais materiais no Brasil e em Sergipe.



LEITURA COMPLEMENTAR

NASCIMENTO, José Anderson. Sergipe e seus monumentos. Aracaju: Gráfica Editora J Andrade, 1981.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Lúcio. A arquitetura jesuítica no Brasil. In. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. N. 5, Rio de Janeiro:Ministério da Educação e Saúde:SPAN, 1941.
- DAMASCENO, Sueli. **Igrejas mineiras**: glossário de bens móveis. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura: UFOP, 1987.
- FRANCASTEL, Pierre. A contra-reforma e as artes na Itália no fim do século XVI. In. **A realidade figurativa**: elementos estruturais de sociologia da arte. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Monumentos sergipanos**: Bens protegidos por lei e tombados através de Decreto do Governo do Estado. Organização de Ana Conceição Sobral de Carvalho e Rosina Fonseca Rocha. Aracaju: Gráfica Sercore, 2006.
- VALADARES, Clarivaldo do Prado. **Nordeste histórico e monumental**. V. III, Salvador: Odebrecht, 1983.